

A Saúde no Distrito Federal

PAULO CASTELO BRANCO

Mesmo o mais simplório observador da política do Distrito Federal não fica alheio à tacada do secretário de Saúde José Geraldo Maciel. O secretário, tradicional coringa para qualquer cargo de destaque, pela sua comprovada eficiência e seriedade, chegou à Secretaria de Saúde de forma inusitada, própria da prática provinciana de governar que se instalou há muitos anos em Brasília. A ação de políticos da bancada independente, liderada pela deputada Eliana Pedrosa para que o nome de Maciel fosse escolhido por Roriz, traduz que o poder centralizado nas mãos de ferro do governador está sendo dividido, para que a união não se esfacelte no decorrer do período que vai até a necessária descompatibilização para a definição de candidaturas.

Maciel, fiel escudeiro de Roriz desde o primeiro governo, é o mentor da vida política de José Roberto Arruda, com quem mantém vínculos familiares. O senador Paulo Octávio, que deu a mão a Arruda nos momentos tormentosos de sua vida pública, aproximou-se de Maciel para fazê-lo secretário, influenciado pela moda inaugurada por José Serra; ou seja, a administração da saúde por técnicos não médicos. Serra, como gestor, limpou a área de processos escusos e conseguiu se destacar nacionalmente. Não produziu grandes coisas na parte que interessa -

a saúde dos brasileiros -, mas impressionou na mídia e chegou a disputar a presidência. Maciel faz o mesmo papel: cuida da administração da Secretaria da Saúde, mas não resolverá os problemas que afetam os brasilienses; não por incapacidade gerencial, mas por não ser mágico.

O único secretário de Saúde que bem conduziu o setor foi Jofran Frejat, coordenando, simultaneamente, as áreas de prestação de serviços médicos e a administração dos hospitais e postos. É das suas várias gestões o sistema instalado na rede pública de atendimento à saúde. Sua eficiência e a qualidade dos serviços prestados pelos excelentes profissionais é que deu fama a Brasília como porto seguro para os doentes do Entorno e até de regiões distantes do Distrito Federal. Com Roriz, Frejat despontou no cenário nacional. Roriz, como o protetor dos pobres e desvalidos; Frejat, o como o que dava saúde ao povo.

No pedido de demissão de Maciel está encoberto o fato que deixou a impressão de que saía do cargo em protesto contra os seus mentores que infligiram mais uma derrota aos projetos do governo. Na realidade, Maciel saiu sem sair e ficou como interino, sendo efetivo. O secretário só parecia ser indicado dos políticos rebeldes, mas é secretário de Roriz e Arruda. O seu desempenho na condução da pasta, estancando procedimentos irregulares,

proporcionará ao governo as imagens de que necessita para a campanha que se aproxima.

A tentativa do senador Paulo Octávio de controlar seus liderados na Câmara Legislativa está fadada ao insucesso. Os novos deputados estão cheios de vigor para ocupar os espaços antes ocupados por títeres de Roriz e se sustentam nos votos que os elegeram. O fim dos longos períodos de governo Roriz anima uma geração de novos e velhos políticos que ficaram aguardando a derrota de Roriz que nunca chegou. Mesmo a vitória de Cristovam foi empanada pelo governo mediocre que fez e que fazem os governos petistas.

Maciel seguirá nas funções mantendo o ritmo determinado por Roriz e, se Arruda for eleito poderá entregar, a quem entenda do setor, a secretaria saqueada. Os políticos que pensam tê-lo indicado faturarão o desempenho do apadrinhado e estará tudo bem. Só que, como no caso de Serra, a saúde da população continuará precária por falta de investimentos dos governos federal e estaduais que saturam o atendimento na rede pública do Distrito Federal. Se, no futuro, o substituto de Maciel for um médico com a incompetência do ministro da Saúde, Brasília viverá o caos como está o Sistema Único de Saúde.

PAULO CASTELO BRANCO é advogado.